

19-04-2022

Niara: ensinando a escola a estudar

Francine de Souza Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

Niara chegou cedo no ambiente escolar, aos dois anos de uma vida que em breve seria inauguradora de um novo tempo, anúncio previsto no seu *crespo de rainha*.

Aquele espaço particular era menos colorido que deveria, com cabelos menos diversos que o esperado. No auge dos seus quatro anos de idade, a escola de Niara se tornou palco de um sofrimento menos debatido que experimentado: o racismo na infância, protagonizado por crianças pequenas.

O orgulho ostentado pela força da menina de grandes propósitos esmaeceu, o *black* erguido pelo desejo de ser si fora questionado por uma avassaladora dor que desbrilhou o querer habitar aquele espaço que deveria, única e exclusivamente, tremeluzir com a sua presença e invocar indagações pela reduzida frequência de meninas da sua cor. É a escola que precisa estudar. Se expandir. E produzir mudanças. Não há outro caminho.

Niara sofreu racismo, que importância dar um nome ao que se passou. Quando a experiência da violência racista sofrida por Niara foi anunciada, sem um nome que lhe atribuisse real sentido, emergiram palavras de apoio preocupadas em desvendar os atores daquela cena. Seria suficiente olhar para essa experiência de forma tão individualizada?

A desconfiança com o peso da palavra racismo também se revelou, tratava-se de um ambiente com crianças muito pequenas. Pode um ser tão miúdo já existir como pessoa racista? Lembrei-me de amigas negras confundidas por crianças brancas como babás de coleguinhas de sua cor. Uma enxurrada de lembranças de amigas que experimentaram dor e sofrimento ao lado de suas crianças pretas tomou conta de mim, assim como as histórias de vida das mulheres pretas com as quais convivo e que um dia já foram crianças. Crianças igualmente racializadas no espaço escolar, em seus primeiros anos de vida.

As crianças racializadas, assim como os mais velhos, são sempre aquelas que ostentam, a olho nu, a ancestralidade preta no seu corpo. Exemplos simplórios da urgência que temos de olhar para a branquitude, compreender o seu lugar e seus efeitos no mundo, suas interações com o sexismo, o capacitismo, o capitalismo.

Niara foi atacada por outro miúdo em função do seu cabelo.

O cabelo das meninas crespas é um alvo conhecido.

Assim como o julgamento das formas e os usos atribuídos aos seus corpos, anos mais tarde. O modo como meninos e homens pretos são alvejados também é singular, não é preciso citar exemplos a respeito. O lugar ocupado por corpos negros e com deficiência ou doenças crônicas revela outras dimensões e nuances de uma sociedade racista e cruel, capaz de atualizar repetidamente os requintes de violência.

Atualização que perpassa práticas educacionais, de cuidado em saúde, familiares, comunitárias, profissionais, etc. etc. etc. Pode a saúde individual triunfar numa sociedade racista?

Mas, e as crianças que reproduzem comportamentos racistas desde miúdas? Como lidar? E como acolher e cuidar daquelas igualmente pequenas que sofrem racismo em espaços que deveriam ser marcados pela proteção? Deveríamos, talvez, começar mudando a nós mesmos, pessoas adultas que cuidam de crianças. Mais importante ainda, começar pelos adultos brancos que cuidam de crianças brancas. Famílias pretas têm aprendido duramente a ensinar suas crias a serem fortes e a se posicionarem frente ao racismo. Precisamos mudar o mundo onde criamos as nossas crianças. Começando por nós mesmos.

Definitivamente, esse não é um problema da Niara e de seu coleguinha que reproduziu uma conduta racista. Eles são apenas crianças pequenas. Miúdos ensaiando condutas e discursos racistas, experimentando prematuramente a perversidade de um ambiente que ensina o oposto do que precisamos aprender.

Mudar o mundo é também mudar a escola. A escola e todos os outros lugares que habitamos individual e coletivamente.

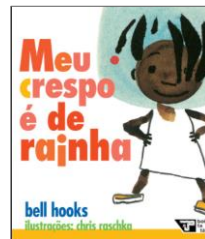
Qual a cor de quem frequenta os espaços educacionais, de cuidado, profissionais, de lazer, onde você circula?

Como são seus corpos? Como essas cores corporificadas se distribuem no ambiente? O que sua ausência ou sua presença nos ensinam? Quem sofre violência? Quem reage diante de uma cena de violência? E como reage? Há uma intervenção em ato? O que se faz antes de uma ocorrência? E depois?

Como ficam as crianças vitimadas pela violência e também aquelas que reproduziram o que aprenderam?

Como ficam as pessoas que habitam esse espaço diante de uma intervenção? O que pode uma intervenção adequada?

O que pode o silenciamento? A escola de Niara disse que vai estudar. Cada um de nós deveria estudar, também. ■■■



Descrição da imagem: capa do livro infantil “Meu crespo é de rainha”, de bell hooks, editora boitatá. O título do livro está em letras predominantemente vermelhas e laranjas, sob fundo branco. Na parte inferior com tinta azul, o nome da autora. Abaixo, na cor verde, “ilustrações: chris raschka”. No canto direito da capa, a ilustração de uma menina preta com cabelo crespo. Ela sorri, com as mãos na cintura, usando vestido branco e sapato amarelo e branco. Um fundo azul atrás de sua cabeça parece ilustrar o céu. Fim da descrição.

O livro é também uma dica de leitura.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.